

**CHÁVEZ:  
"LOUCO"**

O secretário assistente de Estado para Europa e Ásia, Philip Gordon, relata uma conversa com um conselheiro do governo francês na qual é dito que o presidente venezuelano está "louco".

**MERKEL:  
"CONTRA RISCOS"**

Relatório considera a chanceler alemã "contrária à tomada de riscos e raramente crítica". Seu ministro do Exterior, Guido Westerwelle, teria "personalidade exuberante" e pouco conhecimento.

**SARKOZY:  
"AUTORITÁRIO"**

A embaixada dos EUA em Paris acredita que o primeiro-ministro francês é "susceptível e autoritário" e teria usado a popularidade de sua mulher, Carla Bruni, para se aproximar do Brasil.

**MEDVEDEV:  
"ROBIN"**

O presidente da Rússia, Dmitri Medvedev, formaria uma dupla com o primeiro-ministro Vladimir Putin. Medvedev seria o "Robin do Batman, Putin".

**Nerdguerrilha e segurança**

# Quem tem medo do WikiLeaks?

## Ninguém sabe ao certo o que são e a quem responde o site responsável pelo megavazamento de dados secretos dos EUA

**CULTURA**  
www.zerohora.com/cultura  
> No blog Cultura ZH, as no qual editores e colabo Zero Hora debatem os v WikiLeaks e o papel do n Julian Assange (foto)

**Por MARCELO TRÄSEL**  
Jornalista, mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS, professor da Famescos e coordenador da especialização em Jornalismo Digital da PUCRS

**A** ciberguerra tem sido um tema recorrente nas discussões de governos sobre a internet desde a abertura da rede ao público em geral. O imaginário da ciberguerra inclui agentes russos nostálgicos da era soviética, células terroristas islâmico-nerds e programadores ronins defnestrados pelo MI-6.

Ironicamente, o maior golpe cibernético já sofrido pelo governo dos Estados Unidos não veio de nenhum desses estereótipos, nem de um país do "eixo do mal", como a Coreia do Norte ou o Irã, mas do WikiLeaks, um grupo de jornalistas, programadores, matemáticos e engenheiros de informação anônimos, representados pelo australiano Julian Assange.

Assange e seu grupo transnacional de crackers começaram a vaziar no dia 28 de novembro 250 mil documentos confidenciais do serviço diplomático americano. Em julho, o WikiLeaks já havia publicado cerca de 90 mil documentos relacionados à guerra no Afeganistão e, em outubro, outros 400 mil relatórios militares da guerra no Iraque – ambos surrupiados dos computadores do Pentágono pelo analista de inteligência do exército Bradley Manning, um soldado de baixa patente.

Uma segunda ironia nesse caso dos vazamentos de materiais diplomáticos e relatórios militares pelo Wikileaks é que o instrumento usado para constranger o governo americano foi criado pelo próprio governo americano. A internet foi pensada desde os anos 1960 para substituir a estrutura hierárquica e linear de comunicação entre as bases militares dos Estados Unidos. O medo era de que um ataque nuclear destruísse centrais de comando e cortasse a comunicação entre unidades de defesa, impedindo a coordenação das forças armadas. Os cientistas que imaginaram a rede descentralizada que temos hoje, na qual cada computador é um centro emissor de dados, foram tão competentes que é virtualmente impossível impedir o fluxo de informações na Internet.

Ativistas da liberdade de informação, além disso, criaram sistemas de criptografia que dificultam encontrar os participantes do WikiLeaks e seus informantes. O grupo também armazena os dados de forma redundante em diversos servidores mundo afora, de modo que é muito difícil impedir o acesso aos documentos vazados – se um servidor cai, o leitor é direcionado a uma alternativa. Na manhã de quarta-feira, a Amazon.com deixou de hospedar o website do WikiLeaks devido a pressões do governo americano. À tarde, todo o material estava acessível novamente. A única maneira de impedir o acesso às informações já publicadas seria desligar toda a internet.

É um novo mundo, no qual nenhum segre-

do está totalmente seguro. Há 30 anos, bastaria apreender equipamentos de impressão ou destruir antenas de rádio e prender líderes de grupos ativistas para impedir que informações sensíveis fossem divulgadas. É provável que muitos dos colaboradores do WikiLeaks ajam isoladamente, sem conhecer a identidade de muitos de seus colegas e protegidos pelas tecnologias criptográficas mais avançadas, para que não possam comprometer o sistema inteiro em caso de prisão. Essa coordenação de esforços anônima e em escala mundial seria impossível na era pré-internet.

Os membros do WikiLeaks justificam os vazamentos como forma de garantir o acesso dos cidadãos do mundo às informações sobre governos e outras instituições, de modo a poderem fiscalizar abusos de poder político ou econômico. "Nós acreditamos que não é apenas o povo de um país que mantém seu governo honesto, mas também o povo de outros países vigiando aquele governo através da mídia", informa o website. Supostamente, não há nenhuma outra agenda política por trás dessas ações, que afligem governos de dezenas de outros países, da Alemanha à Turquia, da Somália ao Timor Leste. Além disso, empresas como o banco islandês Kaupthing e documentos internos da igreja da Cientologia já foram expostos. O WikiLeaks parece não ter pátria, religião ou ideologia, exceto a da liberdade total da informação.

Parece, porque toda informação a respeito do WikiLeaks deve permanecer no condicional. Ninguém realmente sabe quem são os integrantes do grupo. O WikiLeaks pode ser o que Assange diz ser – uma organização de voluntários em busca de esclarecer os cidadãos do mundo sobre as ações dos detentores de poder político, econômico ou simbólico –, ou pode ser uma operação da Al-Qaeda, de espíões chineses ou de extraterrestres. Ninguém sabe.

A motivação do Wikileaks para publicar materiais cujos proprietários ou guardiões prefeririam que permanecessem em segredo é uma crença ingênua no poder da informação para causar mudança social. A informação é, de fato, um dos melhores solventes de abusos de poder e iniquidades, mas os dados e fatos não põem a sociedade em movimento por si mesmos. Fosse esse o caso, a avalanche de notícias sobre problemas ambientais já nos teria transformado a todos em conscientes recicladores, ciclistas e poupadores de recursos naturais. Na visão do WikiLeaks, se as informações hoje divulgadas estivessem disponíveis mais cedo, guerras e outras tragédias poderiam ter sido evitadas. Infelizmente, as guerras não acontecem por falta de informação apenas, mas por causa das condições históricas.

